

Limites e possibilidades para a formação de intérpretes de conferência em tempos pandêmicos: a experiência da pós-graduação em interpretação de conferências da PUC-Rio¹

Anelise F.P. Gondar*, Denise de Vasconcelos Araujo** e Raffaella de Filippis Quental***

Introdução

Certamente não era possível imaginar que a semana do dia 15 de março de 2020 marcaria uma grande mudança nas formas de circulação de pessoas, bens, capital e conhecimento no mundo todo. O curso de Formação de Intérpretes de Conferências da PUC-Rio² havia acabado de iniciar seus trabalhos para o ano letivo de 2020, com uma turma de alunos prestes a começarem seu segundo ano/terceiro semestre de formação e uma segunda turma de alunos recém-aprovados para início dos estudos de formação. A OMS -- Organização Mundial da Saúde -- havia elevado a epidemia de Sars-Cov-2 à condição de pandemia no dia 11 de março de 2020 e, ao longo dos

¹ O presente artigo é uma versão em português do texto original publicado no volume 2, número 2, da revista *InContext - Studies in Translation and Interculturalism*. O texto original em inglês encontra-se disponível no endereço: <https://incontextjournal.org/index.php/incontext/article/view/20/20>. A versão para o português foi realizada pelas próprias autoras.

* Universidade Federal Fluminense

** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

*** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

² O curso de Formação de Intérpretes de Conferências da PUC-Rio é uma Especialização (Pós-Graduação *latu sensu*) com carga horária de 360 horas. O grau de especialista é recebido mediante o cumprimento da carga horária e a entrega de um trabalho de conclusão de curso.



dez dias que se seguiram, o governo brasileiro e setores da sociedade -- escolas, universidades, indústria, empresas e comércio -- foram paulatina, porém decididamente, se adequando à emergencial necessidade de decretação de isolamento social. O desafio imposto a todos os cursos de formação, dentre os quais o curso de Formação de Intérpretes da PUC-Rio, estava lançado: como prosseguir com as atividades de formação independentemente da pandemia?

O presente artigo busca apontar as condições iniciais do trabalho de formação de intérpretes na PUC-Rio, sobretudo aquelas que facilitaram a transição para o ensino remoto. Em seguida, pretende apresentar consequências positivas relativas à adaptação para o regime de ensino on-line e, por fim, desenvolverá uma breve reflexão acerca dos caminhos da formação em um mundo pós-pandêmico.

O texto se inicia com um breve relato sobre o curso de formação da PUC-Rio, curso que surgiu no Brasil cerca de vinte anos após a institucionalização da profissão por ocasião dos chamados Tribunais de Nuremberg (PAGURA, 2010, p. 83; QUENTAL, 2018, p. 10)³. A próxima seção, dedicada à breve história da formação de intérpretes na PUC-Rio, ajudará a compreender os contornos do cenário da formação quando do início da pandemia.

Em seguida, apresentaremos alguns elementos facilitadores da transição do curso para o modelo on-line, quais sejam: (1) a lenta e gradual incorporação ao currículo de práticas baseadas em aprendizagem autônoma, deslocando atividades em classe para o ambiente doméstico/virtual; (2) a capacitação docente em *blended learning* e o uso de plataformas de aprendizagem durante a formação; e (3) a infraestrutura para aulas on-line oferecida pela universidade.

Após a apresentação do panorama de formação no Brasil e dos elementos catalisadores da transição para o regime de ensino remoto, apresentaremos e analisaremos os fatores desafiadores desse tipo de ensino.

³ Nas últimas duas décadas, houve uma ampliação da oferta de cursos livres e cursos universitários em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba. Com isso, é possível afirmar que, ainda que heterogênea do ponto de vista tanto da carga horária, quantidade e características das disciplinas quanto da composição do corpo docente, a formação de intérpretes no Brasil pode ser considerada consistente e em linha com as demandas de mercado para o par linguístico português-inglês.

À guisa de conclusão, discutiremos alguns dos elementos que demandam reflexão neste cenário já potencialmente pós-pandemia: quais os limites e as possibilidades abertas à formação de intérpretes na PUC-Rio após a experiência da conversão do regime de ensino para on-line?

1. O curso de formação de intérpretes da PUC-Rio no contexto da formação no Brasil: história e panorama pré-pandemia

Os primórdios da formação de intérpretes no Brasil datam de finais da década de 1960 (QUENTAL, 2018, p. 2-3), acompanhando a evolução da própria profissão no país. A oferta de interpretação era coberta por uma geração de intérpretes com dois perfis: um grupo formado no exterior, especialmente na Europa e nos Estados Unidos, e outro grupo de intérpretes que se estabeleceram na profissão através da prática. À época, a ausência de formação de qualquer tipo era algo comum e aceitável. Uma pessoa que falasse diversos idiomas poderia ser vista como “alguém com dom para interpretar”. Se uma pessoa tentasse interpretar e fosse bem-sucedida na empreitada, era vista como um intérprete nato (ARAUJO, 2017, p. 41).

A existência de eventos em grandes cidades do Brasil, como Rio de Janeiro e São Paulo, acabou por gerar um terreno fértil para a criação de cursos de formação -- tanto cursos livres (como o Alumni, em São Paulo) como cursos ancorados em ambientes universitários (como no caso da PUC-Rio e PUC-SP). É possível afirmar que hoje a formação de intérpretes no Brasil encontra-se consolidada para o par linguístico português-inglês, o que significa dizer que o mercado já conta com amplo número de intérpretes com passagem por alguma instância formal, seja em cursos livres ou universitários (de graduação, extensão ou especialização).

No que tange à formação oferecida pela PUC-Rio, que foi pioneira na formação de intérpretes de conferência no Brasil, o formato do curso hoje em pouco se assemelha ao seu desenho original, implementado no final da década de 1960. À altura, foram incorporadas ao curso de Letras disciplinas de tradução escrita e de interpretação, tanto na modalidade simultânea quanto consecutiva, mas ainda em direcionalidade única (inglês para português). Com o tempo, foram sendo incorporadas disciplinas voltadas ao *retour* a partir da percepção da necessidade de treinamento da

bidirecionalidade por parte de egressos do curso. A evolução do curso de formação da PUC-Rio passou pela expansão do seu currículo -- com o acréscimo de disciplinas voltadas à voz, atenção & concentração, aspectos teóricos e gestão terminológica. Por circunstâncias várias, o curso deixou de fazer parte da graduação em Letras, passou ao status de curso de extensão, alcançando posteriormente o status de pós-graduação *lato sensu*, que mantém desde 2008 (QUENTAL, 2018, p. 3), sempre em formato presencial⁴. Uma das evoluções que emerge do artigo supracitado e que gostaríamos de salientar aqui é a implantação do sistema SANAKO para acompanhamento dos alunos em suas estações de trabalho. A utilização do sistema SANAKO pode ser considerada um laboratório para a compreensão acerca de quais mecanismos tecnológicos seriam de fato necessários para cada disciplina que compunha a formação -- esse sistema, por exemplo, permitia, além do *dual-track listening/ replay*, a integração com outras mídias digitais.

Outro elemento importante oportunizado através do sistema foi a possibilidade de que o aluno ouvisse a gravação do próprio desempenho em sala, pavimentando o caminho para a autoavaliação em sala de aula. A evolução tecnológica do curso, para benefício das aulas presenciais, veio acompanhada de algumas mudanças: uma reorientação de atividades voltadas ao treino das sub-habilidades, transferidas paulatinamente para o âmbito do estudo individual do aluno em casa, e a concomitante percepção do corpo docente de que novos ventos trariam a possibilidade de incorporar o *blended learning* às atividades do curso. O formato do curso a partir de 2016 já previa, portanto, uma carga de trabalho de estudo individual que, na prática, colocaria parte da responsabilidade pela formação nas mãos do próprio aluno, encorajando a autonomia.

É interessante ressaltar que, antes mesmo da pandemia, as últimas reformas curriculares do curso de formação de intérpretes já estavam alinhando alguns pressupostos pedagógicos que tiveram como orientação o desenvolvimento de “expertise” (SAWYER, 2004) através da ideia de aprendizagem autônoma. A modernização curricular de 2018 consolidaria dois pilares pedagógicos do curso: (1) a importância do desenvolvimento da

⁴ O artigo de Quental (2018) permite compreender a relação entre escolhas pedagógicas, avanços na área da didática da interpretação e necessidades do mercado local.

capacidade de aprendizagem autônoma, através de exercícios estruturados para o aprimoramento das habilidades específicas relacionadas à interpretação (prática deliberada) e (2) a autoavaliação, bem como a avaliação por pares e o feedback dos professores, como instrumento orientador da prática⁵.

A estrutura do curso e a distribuição de carga horária por disciplina se manteriam em larga medida as mesmas até o início da pandemia. Na ocasião, a necessidade emergencial imposta pelo ensino remoto síncrono representou uma curva íngreme de aprendizagem que culminaria, semanas após a decretação do fechamento de instituições e estabelecimentos, no início da formação de intérpretes inteiramente mediada por tecnologias.

2. Os passos da implantação do curso on-line

Em linha com outras experiências de transposição do ensino presencial em caráter emergencial para o ensino remoto na formação de intérpretes (AHRENS, 2021), a plataforma de conferências virtuais Zoom foi a escolhida para dar sequência às aulas. É necessário salientar que a plataforma já era conhecida por uma das integrantes do corpo docente, que a utilizava em suas próprias atividades pedagógicas. No entanto, a opção pelo uso da plataforma se deu por escolha da universidade, que a contratou para todas as aulas da graduação e pós-graduação.

Um outro elemento que serviu de trampolim para a transição para o ensino remoto foi a implementação de algumas iniciativas em linha com a perspectiva de *blended learning*, como a utilização da plataforma educativa virtual Edmodo, com as turmas de 2016 a 2020. A plataforma Edmodo foi utilizada para a documentação das atividades realizadas em cada aula e para a organização das tarefas e atividades propostas a cada semana.

De certa forma, quando a pandemia se iniciou, tanto a organização dos materiais de estudo quanto a própria racionalidade de progressão pedagógica do estudo a ser realizado autonomamente pelos alunos já faziam

⁵ Nas turmas iniciadas em 2016 e 2017, as conferências simuladas já faziam parte do currículo, sob o nome de 'Prática de Cabine'. A partir de 2019, houve a incorporação de simuladas ao dia a dia do curso, organizadas pelos professores e alunos, com revezamento no uso da cabine física de um dos laboratórios de línguas da universidade.

parte do *workflow* do curso, o que, de certa maneira, marcaria uma continuidade no trabalho do corpo docente. A ferramenta de aprendizagem Edmodo, uma escolha realizada de forma autônoma pelo curso de interpretação, seria sucedida pelo Google Classroom em 2020, uma outra plataforma oferecida pela universidade como alternativa ao Moodle, para todos os cursos de graduação e pós-graduação *lato e stricto sensu*.

Como plataforma de videoconferência para ensino à distância, a escolha do Zoom pela universidade para a retomada emergencial das atividades ainda no princípio da pandemia não poderia ter sido mais feliz para o nosso curso. O corpo docente não apenas se adaptaria com facilidade às funcionalidades da plataforma como, desde o início do seu uso, a plataforma já dispunha da funcionalidade de interpretação simultânea. O corpo docente chegou a realizar pesquisas iniciais para testagem de outras plataformas de RSI (interpretação simultânea remota, na sigla em inglês) que tivessem interesse em estabelecer uma parceria com o curso. Entretanto, concluiu-se que o custo para a instituição seria inviável.

A aposta da universidade na plataforma Zoom atendeu perfeitamente às necessidades do curso, na medida em que ela permite realizar práticas com todos os alunos formando equipes simultaneamente, graças à quantidade de idiomas ofertada, que permite a montagem de várias cabines ao mesmo tempo. O treino do relé⁶ foi inicialmente realizado com o uso de um segundo dispositivo pelos alunos para acesso como ouvinte e como intérprete na mesma sala, o que, aliás, também foi amplamente praticado por profissionais ao trabalharem na plataforma Zoom ao longo de todos os meses que antecederam a implantação dessa funcionalidade, que permite agora ao intérprete ouvir as outras línguas, além do áudio principal na plataforma, mesmo estando na cabine. É importante dizer que a “feliz coincidência” na escolha da plataforma Zoom pela universidade não somente esteve relacionada à praticidade do seu uso em sala de aula no desenvolvimento de um dos *core businesses* da formação de intérpretes -- o ensino da modalidade simultânea -- mas também serviu como ponte para o

⁶ Recurso usado pelo intérprete, em eventos multilíngues, quando ele não entende a língua de origem e precisa, portanto, ouvir a interpretação de outra cabine para uma das suas línguas de trabalho, para poder então interpretar para a língua de chegada da sua cabine.

mercado de trabalho, uma vez que o Zoom se tornou uma das plataformas de conferências mais usadas no Brasil desde o início da pandemia. Não apenas o treino em sala de aula, mas também as conferências simuladas se assemelham em grande medida, portanto, ao cenário de demandas por RSI no contexto mundial atual.

Algumas adaptações em termos pedagógicos se deram ao nível da configuração das aulas, como, por exemplo, a transformação de alguns conteúdos em aulas assíncronas, para evitar a conhecida *Zoom fatigue*. Outras adaptações aconteceram de forma diferente para cada uma das turmas afetadas pela transição completa para o ensino remoto.

A turma de 2019, que estava no segundo ano de formação em 2020, já fizera um ano inteiro de aulas presenciais e teve de passar pelas adaptações necessárias à rápida implementação do regime de ensino remoto em caráter emergencial. Muitos não dispunham de conexão estável à internet, computadores mais potentes e fones para uso mais prolongado e com cancelamento de ruído, por exemplo. Alguns alunos não dispunham de locais em casa em que pudessem assistir às aulas de forma adequada, havendo situações em que frequentavam as aulas tendo suas câmeras em modo “desligado”

Já a turma de 2020, cujos alunos haviam realizado matrícula para um curso concebido para oferecer aulas presenciais e que havia de fato começado no dia 15 de fevereiro de 2020, chegaria a ter três aulas no campus. As aulas, no entanto, ainda de caráter introdutório àquela altura, não possibilitaram aos alunos o contato com o equipamento próprio para o treino na modalidade simultânea. A transição para o regime remoto emergencial foi realizada na expectativa da sua provisoriedade – a ideia era voltar ao campus assim que possível, o que não aconteceu. Houve algumas desistências ligadas à situação de pandemia, mas não propriamente à migração para o on-line. Nessa turma, 15 alunos se matricularam e nove terminaram o curso.

Quando da seleção de candidatos à turma de 2021, estabeleceu-se a necessidade de divulgação de pré-requisitos técnicos necessários ao aproveitamento das aulas em ambiente virtual. Àquela altura, o corpo docente, mormente composto por intérpretes atuantes no mercado

brasileiro, já dispunha do conhecimento acerca das necessidades técnicas tanto para o ensino on-line quanto relativo às demandas do mercado de RSI.

3. Consequências positivas do ensino on-line

Ao final do primeiro ano de implantação do regime de ensino remoto – já não mais tanto em caráter emergencial, uma vez que a pandemia não mostrava sinais de estar chegando ao fim – estabeleceu-se consenso entre o corpo docente de que a transição havia possibilitado aos alunos continuar aprendendo o ofício com qualidade. Nesse contexto, cogitou-se oferecer a edição subsequente do curso em formato híbrido, com aulas síncronas, atividades assíncronas e também com a oferta de um encontro presencial por mês para cada disciplina, aproximadamente, de forma a oportunizar aos alunos e aos docentes um contato mais próximo⁷. Chegou-se a elaborar projeto para oferecer um curso semipresencial (híbrido), em que 60h das 360h do curso seriam presenciais⁸.

Contudo, a ideia da oferta de um curso híbrido arrefeceu com a necessidade da continuidade do ensino remoto para o ano de 2021, uma vez que os *campi* universitários ainda permaneciam fechados, inviabilizando o retorno presencial às aulas. Assim, para o ano de 2021, foram oferecidas vagas para formação de intérpretes na primeira turma de fato on-line. A oferta de um curso de pós-graduação em Interpretação de Conferências inteiramente remoto, com aulas somente aos sábados, atraiu uma clientela (ainda) mais heterogênea.

⁷ É interessante mencionar que o sucesso na oferta de disciplinas on-line motivou o corpo docente a ofertar, em caráter avulso, um curso de reciclagem em tomada de notas para interpretação consecutiva, além de um curso intitulado 'A voz do intérprete', oferecido por uma professora que é fonoaudióloga e intérprete. Essa iniciativa, em linha com várias outras ao redor do mundo de oferecer educação continuada em formato on-line ao longo da pandemia, atestou a capacidade e segurança do corpo docente em oferecer um conteúdo originalmente concebido para o formato presencial com grande aproveitamento.

⁸ Veja trecho do projeto apresentado ao departamento de Letras: "Em 2020, diante da pandemia de coronavírus que assolou o mundo e nos forçou a migrar todas as aulas para o ambiente on-line, surge a proposta de passar a oferecer o curso na modalidade semipresencial. Essa modalidade, que permite contemplar todo o território nacional, também visa a atender uma demanda reprimida, visto que, além de sua reconhecida excelência, o curso da PUC-Rio é o único curso de formação de intérpretes a nível de pós-graduação no Brasil."

Para a turma de 2021, parte da carga horária passou a ser oferecida de maneira assíncrona (65h das 360h), de forma a reduzir o tempo gasto on-line, visto que optamos por manter as aulas somente aos sábados. Os 15 alunos dessa turma estão espalhados em 10 cidades do país, sendo que uma aluna está em Portugal.

A turma de 2021, com conclusão de curso prevista para o final de 2022, conta com alguns intérpretes já atuantes no mercado, alguns dos quais inclusive membros da associação nacional de intérpretes de conferência, a APIC. Em alguns casos, as alunas se formaram em cursos livres e decidiram aderir ao curso da PUC-Rio, ao qual passaram a ter acesso graças à modalidade on-line, em busca de uma formação sólida, completa (e não modular) e também em busca de uma titulação mais atraente no mercado (a de pós-graduação, que apenas a PUC-Rio oferece).

A procura pelo curso por parte de intérpretes já atuantes no mercado foi considerada, em geral, positiva. Para o corpo docente, isso evidencia o reconhecimento do curso em nível nacional e reforça a importância da formação como influenciadora do mercado de trabalho. A oferta do curso de pós-graduação em regime on-line contribui para tornar a formação mais acessível, elevando o nível acadêmico dos intérpretes.

Ainda que não tenha havido um aumento do número de alunos que concluem o curso – o grupo de formandos têm sido de, em média, 12 alunos nos últimos anos – é possível identificar uma maior amplitude geográfica na busca por formação. Essa característica tem efeitos imediatos sobre um dos aspectos fundamentais que caracterizam o curso: a oferta de estágios de interpretação em conferências presenciais, como componente da formação.

4. Desafios à manutenção do curso em regime on-line

Embora a transição para o regime on-line tenha sido muito bem-sucedida, sobretudo diante de tantos percalços enfrentados pelo ensino superior brasileiro no contexto da pandemia, vários desafios permanecem. Abaixo, apresentamos três características peculiares que merecem atenção em um futuro próximo.

Em primeiro lugar, há uma geração de formandos que desconhece a prática de trocas e compartilhamento de ideias e informações com os

companheiros de cabine (CHMIEL, 2008). De fato, a própria ideia de ter um "colega de cabine" (CHMIEL, 2008, p. 262) e os benefícios do trabalho realizado em dupla passaram ao largo dos alunos que se formaram sem nunca terem partilhado uma cabine física com outro colega (GILE, 2009).

A segunda característica interessante da formação inteiramente on-line é o desconhecimento de uma cabine física em seus diferentes formatos, bem como das diferentes possibilidades de usufruto do espaço antes e durante um evento. A ideia de organização e partilha do espaço comum é algo novo aos intérpretes iniciantes. Numa discussão em aula sobre preparação como uma das estratégias usadas pelos intérpretes (GILE, 2009), ficou claro que os alunos formados on-line não conseguem apreender a importância da prática de afixar auxílios visuais ao vidro ou às paredes da cabine, bem diante dos olhos, para ajudar a lembrar de termos específicos. Foi observado, naquela ocasião, que o uso de notas adesivas só faz sentido para aqueles que de fato têm onde colocá-las. Com isso, uma das iniciativas do curso será promover, em um futuro próximo, uma apresentação de instalações físicas de cabine aos alunos que ainda não a conhecem.

A terceira dificuldade reside, no momento, na alocação de alunos para os estágios presenciais, uma vez que os eventos no espaço físico do campus vêm sendo aos poucos retomados. Um dos grandes diferenciais da formação na PUC-Rio é a capilaridade que o curso tem em relação a outros cursos da própria universidade, e até de outras universidades, que permite que, historicamente, tenha podido oferecer aos alunos do segundo ano oportunidades de estágio em situações análogas às do mercado de trabalho.

Após alguns meses de estagnação na realização de eventos, no começo da pandemia, a PUC-Rio voltou paulatinamente a organizar eventos, dessa vez on-line e com uma duração menor. Como o modelo deu certo, esses eventos foram organizados com uma frequência cada vez maior ao longo de 2021. E nossos alunos, graças às aulas no Zoom, estavam perfeitamente capacitados para atender essa demanda. Assim, pudemos manter o benefício do estágio, que é oferecido em eventos organizados pela universidade, sem recursos para contratação de intérpretes profissionais, que representam uma oportunidade de prática para nossos alunos em condições reais de trabalho.

Com a volta dos eventos híbridos e/ou completamente presenciais, a dificuldade que se apresenta é a de reunir duplas de alunos com real disponibilidade para estarem no Rio de Janeiro, sede do curso, para participar dessas atividades tão essenciais à completa formação de um intérprete. Uma questão que se impõe é se será possível manter a oferta de estágios presenciais se as turmas, em caráter on-line, forem cada vez mais compostas por alunos de fora do Rio de Janeiro.

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo narrar de forma breve a transição do curso de formação de intérpretes em contexto universitário mais antigo do Brasil para o regime de ensino on-line, dadas as condições globais extraordinárias impostas à comunidade de formadores de intérpretes e ao mercado da interpretação como um todo nos últimos dois anos. A partir de uma breve apresentação do curso de formação da PUC-Rio, oferecemos neste texto um breve relato das condições iniciais que propiciaram a transição do regime de ensino presencial para o remoto, apontando o que, em nossa avaliação, resultou em benefício para o curso e quais foram os desafios – tanto os superados quanto os acumulados – resultantes da transição de regime de ensino.

Se os Julgamentos de Nuremberg, há quase 70 anos, apresentaram um salto tecnológico definidor da profissão, promovendo a institucionalização do ofício e a criação da modalidade simultânea, o novo salto tecnológico catalisado pela pandemia terá consequências importantes ainda não mapeadas para a profissão. Um dos efeitos já identificados compreende a popularização da chamada RSI como ofício. Uma outra consequência não menos relevante esteve relacionada à conformação dos cursos de formação presenciais diante do desafio do distanciamento social.

Em linha com Krouglov (2021), acreditamos que a experiência anterior com elementos tecnológicos, como plataformas de aprendizagem e sistemas de interpretação, e o contato prévio com o próprio software que seria usado como ferramenta de ensino contribuíram para uma transição mais harmoniosa entre regimes de ensino.

É importante salientar que atualmente consideramos a manutenção do curso em regime on-line, pois acreditamos que a contribuição do curso de pós-graduação em interpretação de conferência pode se ampliar para além da região em que estamos localizados fisicamente, a cidade do Rio de Janeiro. Ainda que a formação presencial seja o retorno com o qual todos sonhamos ao longo da pandemia, nossa avaliação por ora é de que a contribuição da PUC-Rio à formação de intérpretes no Brasil, que é um país de dimensões continentais, pode ser mais relevante se a oferta da formação se mantiver no regime on-line.

Essa conclusão só foi possível após dois anos de atividades on-line com real aproveitamento dos alunos: recebemos feedback positivo relativo ao desempenho dos alunos em estágios e temos alunos que já ingressaram na profissão nesse novo formato, em que a RSI se tornou uma possibilidade concreta de entrada no mercado.

Contudo, à guisa de reflexão, sabemos que a profissão de intérprete é historicamente ancorada na relação presencial, ao menos pelas três razões listadas a seguir. Em primeiro lugar, no início da formação os alunos são apresentados à interpretação consecutiva, de natureza presencial por excelência, uma vez que, originalmente, jamais era mediada por tecnologia. Em segundo lugar, a construção da identidade no ofício de igual modo passa pela aprendizagem a partir do exemplo de outros. Em terceiro, o próprio exercício da profissão é realizado tradicionalmente em duplas, dividindo o mesmo espaço físico, operando o mesmo equipamento. Diante desses três aspectos inter-humanos importantes, como organizar a formação de forma que, por um lado, esses aspectos não se percam e, por outro, novas habilidades em linha com o tempo presente sejam acrescentadas?

A despeito do sucesso na transição do regime de ensino na PUC-Rio, a reflexão acerca da manutenção do formato do curso anda de mãos dadas com a reflexão acerca dos rumos da profissão, da dimensão que a modalidade chamada RSI terá no mercado de eventos global em franca transformação e, claro, das consequências disso para a constituição do mercado no Brasil. Uma coisa é certa: a formação em regime remoto é tão demandante em termos de horas investidas em ensino, aprendizagem e

prática autônoma quanto a formação em regime presencial, e as bases da formação, no curso da PUC-Rio, se mantiveram inalteradas.

Referências

AHRENS, Barbara; BEATON-THOME, Morven; RÜTTEN, Anja. The pivot to remote online teaching on the MA in Conference Interpreting in Cologne: Lessons learned from an unexpected experience. **The Journal of Specialised Translation**, 36b, pp. 251-284, 2021. Disponível em:

<https://www.jostrans.org/issue36/art_ahrens.pdf> Acesso em: 02/06/2022.

ARAÚJO, Denise de Vasconcelos. **Os cursos de formação de intérpretes no Brasil e as melhores práticas da Associação Internacional de Intérpretes de Conferência: um caminho para a profissionalização**. 2017, 151 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:

<https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1412289_2017_completo.pdf> , Acesso em: 07 nov. 2022.

CHMIEL, Agnieszka. Boothmates forever? - On teamwork in a simultaneous interpreting booth. **Across languages and cultures**, 9(2), pp. 261-276, 2008.

GILE, Daniel. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. Edição revisada, Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2009.

KROUGLOV, Alex. Emergency remote teaching and learning in simultaneous interpreting: Capturing experiences of teachers and students. **Training, Language and Culture**, 5(3), pp. 41-56, 2021.

PAGURA, Reynaldo José. **A Interpretação de Conferências no Brasil: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros**. 2010, 231 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. DOI: 10.11606/T.8.2010.tde-09022011-151705. Disponível em: < www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-09022011-151705/publico/2010_ReynaldoJosePagura.pdf> , Acesso em: 07 nov. 2022.



QUENTAL, Raffaella de Filippis. Formação de intérpretes na PUC-Rio: meio século de história. **Tradução em Revista**, número 24, pp. 1-24, 2018.

SAWYER, David. **Fundamental aspects of interpreter education**. Amsterdam: John Benjamins, 2004, 312 pp.

Resumo

O início da pandemia da COVID-19 não apenas afetou a circulação de pessoas e bens em escala global, mas também afetou o setor de eventos, o mercado de interpretação de conferência e a formação de futuros intérpretes. O artigo visa compartilhar a experiência de transição bem-sucedida do ensino presencial para o ensino remoto durante a pandemia e assim contribuir para os relatos acadêmicos já existentes sobre os efeitos da pandemia no ensino e aprendizado da interpretação de conferência. Primeiro, apresentamos as principais características do curso de formação original da PUC-Rio, depois redesenhamos os passos tomados para adaptar gradualmente o curso ao desafio do ensino on-line remoto durante a pandemia e, finalmente, fazemos uma primeira reflexão sobre a adaptação do programa ao formato de ensino e aprendizagem on-line. Entendemos que a adoção pela PUC-Rio de um modo de ensino e aprendizagem totalmente remoto a partir de 2020 abre novas perspectivas para a formação em interpretação de conferência no cenário pós-pandêmico no Brasil.

Palavras-chave: Formação de intérpretes; Interpretação de conferência; Pandemia da COVID-19; Ensino on-line remoto; Interpretação simultânea remota (RSI).

Abstract

The onset of the COVID-19 pandemic not only impacted the circulation of people and goods on a global scale but also affected the events sector, the conference interpreting market, and the training of future interpreters. The present text aims to share the experience of the all in all successful transition from face-to-face teaching to remote teaching during the pandemic and thus contribute to the already existing academic accounts on the effects of the pandemic on conference interpreting teaching and learning. First, we present the main features of PUC-Rio's original training course, then we redraw the

steps taken to gradually adapt the course to the challenge of remote online teaching during the pandemic and finally we draw an initial reflection on the program's adaptation to the online teaching and learning format. We understand that PUC-Rio's adoption of a fully remote teaching and learning mode from 2020 onwards opens up new perspectives for conference interpreting training in the post-pandemic landscape in Brazil.

Keywords: Interpreter training; Conference interpreting; COVID-19 Pandemic; Remote online teaching; Remote Simultaneous Interpreting (RSI).